

## A SUPERSTIÇÃO E A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR: UMA VISÃO DE ATLETAS FEMININAS

Rafael Castro Kocian, Ligia Lopes Rueda Kocian, Christiano dos Santos, Rafael José da Silva, Leandro Dias dos Santos

### RESUMO

O esporte nos dias atuais passou por muitas transformações e traz consigo uma forte luta pela vitória e consequentemente, para se chegar a esse objetivo, o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento, que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento, temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se as atletas escolares femininas, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 26 meninos entre 14 e 17 anos praticantes de voleibol, handebol e basquetebol. Encontramos que 38% acreditam em alguma superstição, sim ou às vezes, e 50% não acreditam nisso. Cerca de 54% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida e que 100% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa das atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte.

**Palavras-chave:** Estados emocionais e movimento, esporte escolar, superstição.

## THE SUPERSTITION AND SCHOOL SPORTS COMPETITION: AN OVERVIEW OF FEMALE ATHLETES

### ABSTRACT

The contemporary sport brings a strong fight for victory and consequently the improvement of training methodologies, tactical, technical, physical and psychological. Along with this movement that is based on research and knowledge production have the superstition factor, which is not only part of Brazilian culture, but culture of sport, causing many people believe that only devotion and attachment to certain beliefs to solve the problems a sport. The purpose of this study was to determine whether school male athletes, participants in the Olympics Colleges of the State of São Paulo, have some kind of superstition to practice sports and believe that superstition affect the final outcome of the match. We work with one type of qualitative research mapped out by the Social Sciences as an instrument of data collection used an open questionnaire which contained an identification header and three mixed issues, and you can check the boxes yes, no and sometimes. Our subjects were athletes from the children's category, participants in the Final State OCESP (Olympics Colegiais the State of São Paulo), which occurred in 2009 in the town of Jaboticabal. Our subjects were 40 boys between 14 and 17 years practicing volleyball, handball and futsal. We found that 50% believe in any superstition, yes or sometimes, and 54% do not believe it. About 45% believe that superstition affect the final outcome of the match and that 92.5% of individuals develop the coaches work with the psychology of sport, but none returned the piece of superstition. We can conclude that within the group studied, a significant number of athletes believe in

superstition and belief that affect the final outcome, so it is extremely important to develop a work focus on the psychology of sport.

**Keywords:** emotional states and movement, school sport, superstition.

## INTRODUÇÃO

Para ter sorte e que para que tudo dê certo nessa pesquisa científica iniciei a redação com a primeira palavra com a mão direita. Essa situação imaginária poderia ilustrar muito bem o intuito desse estudo e refletiria o que acontece em diversas situações do cotidiano, dentro e fora do esporte. A escolha da cor da roupa, o trajeto a ser feito, passar ou não passar embaixo de escadas, ter cuidado para não quebrar um espelho, etc., tudo isso são crendices que fazem parte do senso comum. Vou realizar uma reflexão e um questionamento: será que isso não ocorre no esporte? Considerando que o esporte possa ser uma representação da vida cotidiana é plausível que sim.

O objetivo do presente trabalho foi verificar se as atletas escolares femininas, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. O trabalho justifica-se na premissa de que a superstição por parte das pessoas quer sejam participantes do esporte ou não, algo marcante na atual sociedade e que merece uma atenção maior da comunidade científica, uma vez que pouco se estudou sobre o fato e, de certa forma, é necessária produção de conceitos que ajude a envolvidos diretamente com o esporte, atletas, treinadores, etc., a ter uma proposta de trabalho e psicologia do esporte, pensando no desenvolvimento desse tema atrelado ao rendimento esportivo.

## A SUPERSTIÇÃO E O ESPORTE

Diversas histórias são contadas diariamente pelos noticiários de jornais, revistas, rádio e televisão, mostrando que muitos atletas, treinadores, torcedores e outros participantes dos eventos esportivos têm algum tipo de superstição e acreditam que isso pode auxiliar com que a equipe ou atleta que esteja em questão tenha um resultado mais favorável.

Para Toledo (2002), a superstição é uma crença em algo que não se adequa a uma lógica formal, racional ou científica e que normalmente se baseia em tradições populares ou criações simbólicas individuais estabelecidas e relacionadas com um acontecimento de sucesso ou fracasso, como por exemplo, o fato de um esportista utilizar sempre a mesma cor de uma peça de roupa, ou então realizar sempre a mesma oração antes da partida. Um bom exemplo prático é do ex-jogador e técnico de futebol, Mário Jorge Lobo Zagallo, o maior campeão de futebol em Copas do Mundo, que sempre atribui o sucesso do seu trabalho ao número 13 e sempre tenta utilizar esse número nos jogos em que participa, seja na camiseta, seja contando o número de letras dos nomes das equipes envolvidas, seja na data da partida, número de entradas do estádio, etc.

Assim como Zagallo, diversos outros atletas e treinadores possuem superstições e crenças em forças sobrenaturais, alimentando esperanças de que essas forças auxiliem no desenvolvimento do trabalho esportivo. Conforme a crença das pessoas a superstição pode ser mais forte ou mais branda, o fato é que de certa maneira para alguns atores do esporte isso pode ser tão marcante e importante quanto os treinos físicos, técnicos, táticos ou psicológicos. Segundo Daólio (1998), muitos treinadores brasileiros são contraditórios, pois atribuem mais sucesso a superstição do que ao trabalho por desenvolvimento, tecnicamente, fisicamente e taticamente.

Para Kocian (2009), dentro do ambiente de concentração esportiva encontramos muitas vezes um momento exclusivo para o desenvolvimento das crenças e rituais que visam trazer bons fluidos durante a partida. Curiosamente esse momento que deveria ser de reflexão a respeito da partida e esta por vir, acaba sendo um espaço de cerceamento da liberdade dos atletas e de práticas supersticiosas individuais e em grupo.

Daólio (2005) traz que para compreender esse fenômeno devemos estar centrados nas ciências humanas, especialmente na antropologia social, pois estudar o futebol e todas as crenças e tradições relacionadas é estudar o povo brasileiro, uma vez que as histórias de ambos se confundem e se entrelaçam. Para o autor, as expressões supersticiosas e religiosas estão compreendidas da mesma maneira, uma vez que muitas vezes buscam o mesmo sentido, trazer sorte, proteção, bons fluidos, etc.

Em uma pesquisa realizada em 1993, Jocimar Daolio constatou que muitos atletas negavam categoricamente que eram supersticiosos, porém, no decorrer das entrevistas realizadas e da observação do trabalho, notou que muitas práticas supersticiosas cercavam desde o treinamento até os grandes jogos que esses atletas participavam. Dessa maneira o presente estudo buscou compreender a superstição focada nos atletas escolares, aqueles que em tese compõem a base esportiva nacional e que muitas vezes não conseguem ter a mesma metodologia de treinamentos como atletas profissionais, mas que buscam resultados expressivos, guardadas as proporções, assim como os atletas profissionais, ou seja, enquanto um profissional busca ser campeão nacional da modalidade e não mede esforços para isso, muitos escolares não medem esforços para ganhar o campeonato municipal inter-escolas.

## METODOLOGIA

Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, principalmente a Psicologia, Sociologia e Filosofia. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes.

Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e garantido sigilo absoluto aos dados pessoais das atletas, que ficaram no anonimato. Após coletadas as informações, os dados foram analisados, tabulados, distribuídos graficamente e discutidos.

O cabeçalho era composto por sexo do participante, idade, modalidade e tempo de atuação. As questões trabalhadas no questionário eram as seguintes:

- 1 – Você possui alguma superstição antes da partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: Qual?
- 2 – Você acredita que ter alguma superstição interfere no resultado final da partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: Por quê?
- 3 – Seu treinador prepara a equipe psicologicamente para a partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: O que ele faz?

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados é necessário configurar quais são os sujeitos da nossa pesquisa, sendo que para isso foi utilizado um cabeçalho de identificação (sexo, idade, modalidade e tempo de atuação). Analisando os dados obtivemos 26 participantes, que variavam a idade entre 14 anos, a mais nova, e 17 anos, a mais velha. Com relação a modalidade praticada, obtivemos três modalidades coletivas: basquetebol, handebol e voleibol, já com relação ao tempo de prática o menor tempo encontrado foi de um ano e o maior tempo de prática era de oito anos, para facilitar a leitura dos dados agrupamos as faixas etária em até dois anos de prática, de dois a cinco anos, de cinco à seis anos de prática e por fim, mais de seis de prática. A tabela a seguir mostra alguns dados que configuram o perfil de nossos participantes.

**Tabela 1. Perfil dos participantes da pesquisa.**

Participantes			Modalidade Praticada			Tempo de Atuação		
Idade	nº	%	Modalidade	nº	%	Tempo	nº	%
14 anos	2	8%	Basquete	9	35%	Até 2 anos	9	35%
15 anos	6	23%	Handebol	9	35%	De 2 a 5 anos	11	42%
16 anos	9	35%	Voleibol	8	30%	De 5 a 06 anos	3	12%
17 anos	9	35%	Total	26	100	Mais de 10 anos	3	12%
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100%</b>				<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100%</b>

Vale ressaltar que a média de idade dos participantes foi de 15,9 anos e a média do tempo de prática dos participantes é de 3,9 anos. Após realizar a identificação das participantes, entramos especificamente nas questões que foram trabalhadas para atingir o objetivo desta pesquisa.

A primeira questão trabalhada com as atletas escolares foi: Você possui alguma superstição antes da partida? Qual? Como trabalhamos com opções de respostas em sim, não e as vezes obtivemos os seguintes resultados, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 2. Superstição das atletas antes da partida.**

Superstição Antes da Partida		
Sim	09	34,62%
Não	16	62%
As Vezes	1	3,38%

Conforme os dados apresentados, verificamos que somados os atletas que afirmam que têm alguma superstição com os atletas que citam somente as vezes, chegamos ao número de 38%, ou seja, boa parte das atletas escolares acreditam em alguma superstição no esporte, um número muito representativo e que nos mostra claramente que é necessário desenvolver algum trabalho para que não fiquem presos somente a superstição.

Podemos destacar alguns dados destacados do texto, como por exemplo "tenho que usar duas meias se não não jogo direito" (sujeito 13), ou então, "uso uma munhequeira preta para dar sorte" (sujeito 10), "tenho que jogar com um determinado top" (sujeito 26), que representa credices populares a respeito de sorte, relacionados aos trajes utilizados. É importante destacar outra fala, "entro com o pé direito e faço o sinal da cruz três vezes ao entrar em quadra." (sujeito 26), mostrando para nós uma evidência ao encontro com a fala de Daólio (2005), onde superstição e religião se misturam. Outras atletas trazem superstições ligadas a um lado do corpo, "tenho que começar tudo com o lado direito do corpo". Esses dados nos mostram que algumas atletas se apegam a certas credices que de alguma forma os auxiliam no decorrer da partida.

Na segunda questão foi perguntado as atletas se elas acreditam que ter alguma superstição interfere no resultado final da partida? Por quê? Como trabalhamos com opções de respostas em sim, não e as vezes, obtivemos os seguintes resultados, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 3. Interferência da superstição no resultado final da partida, na visão dos participantes.**

Interferência no resultado final		
Sim	04	15,38%
Não	12	46%
As Vezes	10	38,62%

Analisando os dados coletados verificamos um dado surpreendente, que se somarmos as respostas sim e as vezes, chegamos a o percentual de 54% de meninas que acreditam que a superstição pode alterar o resultado final de uma partida. Dois dados desta análise nos chamam muita atenção, o primeiro é quantas atletas escolares acreditam que realmente a superstição altera o resultado final da partida, sendo de extrema importância para a comissão técnica trabalhar com esses dados para que não fiquem simplesmente a mercê do fator sorte, deixando de lado os trabalhos físicos, técnicos e psicológicos. Um segundo dado interessante é verificar que, comparado com a pergunta anterior 16% das atletas que responderam não ter nenhuma superstição acreditam que ela interfere no resultado final, uma parcela expressiva que merece atenção especial dos treinadores e profissionais envolvidos diretamente com o esporte.

Uma das atletas que acredita que as vezes pode alterar o resultado nos traz a seguinte "talvez a pessoa fique com aquilo na cabeça e esquece do que é capaz de fazer" (sujeito 18), outra interessante é do sujeito 17, que traz "pode ser uma coisa sem sentido, que fica na nossa cabeça".

acaba até atrapalhando”, já a participante 26 nos traz “as vezes acredito mais na superstição do que em mim mesma”, essas falas refletem no fato de que alertamos no parágrafo anterior, é importante um acompanhamento de perto do treinador, uma vez que essa postura pode interferir diretamente no rendimento da atleta. Uma atleta que acredita que não há interferência no resultado final é a participante 24, “o jogo depende do trabalho que fazemos dentro de quadra, a superstição é sorte, é lucro”.

Outro destaque podemos passar é ligado a questão religiosa, que é passado pela participante 02 “não devemos acreditar em coisas materiais, devemos acreditar na única pessoa que nos dá força, o único que guia nosso caminho que é Jesus, ele nos dá sorte”, conforme Daólio (2005), novamente a superstição aparece indissociável ao credo religioso das atletas.

Algumas atletas acreditam piamente na superstição e outras nem tanto, são os casos respectivamente do sujeito 10 e 14, “sempre que não uso minha munhequeira eu jogo mal e as vezes minha equipe também”, “tem vezes que eu faço meus rituais e não dá certo!”.

Para finalizar nossa pesquisa, fizemos uma última pergunta que visou levantar se o treinador da equipe prepara as atletas psicologicamente para a partida? O que ele faz? Da mesma maneira que nas questões anteriores havia possibilidade da resposta, sim, não e as vezes. Conforme a tabela abaixo, coletamos os seguintes resultados:

**Tabela 4. Relato dos participantes sobre a psicologia do esporte.**

Trabalho psicológico da equipe		
Sim	15	72,50%
Não	0	0%
As Vezes	11	27,50%

Conforme os dados levantados, verificamos que uma grande parcela das atletas afirma que o treinador desenvolve algum trabalho psicológico com a equipe em questão. Se somarmos as respostas sim e as vezes, chegamos a totalidade dos sujeitos da pesquisa ou seja, 100% das entrevistadas, um número importante considerando a evolução da psicologia do esporte e a necessidade do olhar mais humanizado ao esporte, porém, quando verificamos as respostas para pergunta do que o técnico realiza com as atletas verificamos o outro lado da moeda, pois muitas ações são ligadas somente ao incentivo e até a parte motivacional, que nem sempre caracteriza uma intervenção em psicologia do esporte.

Para ilustrar a ideia transcrita podemos utilizar a fala do sujeito 12 “ele nos cobra muita força de vontade em quadra, se quisermos ser atletas de basquete temos que ser muito motivadas”, o que não necessariamente seja uma intervenção balizada pela psicologia do esporte, mas talvez uma ação tática, técnica ou física.

Outro dado interessante é que apenas uma atleta cita em sua fala que o treinador trabalha questões supersticiosas, apenas o sujeito 22 cita “conversa com todas para passar mais confiança, que não chegamos aqui por sorte, para não desmerecer nenhuma equipe e transmite tranquilidade”, o que mostra uma intervenção interessante se pensarmos do ponto de vista da superstição.

Merece destaque a fala da participante 1 “fazemos uma reflexão em grupo, nos faz fechar os olhos pensar em algumas situações que ocorrem com a equipe e depois conversamos em grupo sobre o tema”, essa fala nos mostra um trabalho diferenciado em relação ao levantamento com outros colegas, que citavam somente motivação e gritos do banco, mostrando um tipo de intervenção individual e em grupo para repensar algumas atitudes do grupo, transformando assim as possibilidades de tomada de decisão.

Para finalizar fechamos com as palavras da participante 18 “nosso time é movido a emoções”, o que mostra como a questão emocional e da psicologia do esporte é importante no esporte cotidiano.

## CONCLUSÃO

Após a análise e discussão dos dados coletados, podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, o fator superstição é muito forte nas atletas escolares, tanto na execução dessa prática e mais ainda na crença de que efetivamente a superstição pode alterar o resultado final de uma partida. Assim como exposto na revisão de literatura é impossível dissociar aspectos de credence popular e sorte

do fator religioso, conforme apresentado nos dados coletados. A crença em um ente divino, um superior, que guia e auxilia também é forte entre as atletas escolares. Por fim, é importante ressaltar que a maioria das atletas diz que os treinadores desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas que não saibam conceituar exatamente a maneira como o professor trabalha.

Sugerimos, ao término deste trabalho, que os profissionais das ciências do esporte iniciem um trabalho voltado para a psicologia do esporte, especificamente a questão da superstição e o esporte, uma vez que muitos atletas acreditam nessa premissa e que de repente, podem ficar preocupados acreditando que a preparação esportiva se resume a oração, galho de arruda, dentes de alho, náusea da sorte, etc.

Sugerimos também, um aprofundamento desta pesquisa em nível de esporte e alto rendimento em modalidades femininas, em modalidades individuais e outras instâncias do esporte competitivo.

### REFERÊNCIAS

DAÓLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. **Lectures Educación Física y Deportes**, 3 (10): 1-10. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/Daolio1.htm>. Acesso em 12 de mar. 2010.

\_\_\_\_\_. A superstição no futebol brasileiro. In: DAÓLIO, J. (org.) **Futebol, cultura e sociedade**. 1ª edição. Campinas: Autores Associados, 2005.

KOCIAN, R. C. **Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2009.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. 1ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, Fapesp, 2002.

---

Universidade Paulista – UNIP, campi São José do Rio Pardo e Limeira.

Rua João  
São José do Rio Pardo